

ANSELMO SERRAT – Fundador e Diretor do Circo Picolino

Anselmo Serrat criou a Escola Picolino de Artes do Circo em 1985, em parceria com Verônica Tamaoki. Criada como uma escola de circo particular, a Escola Picolino também desenvolve trabalhos voltados para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

1. Quem é Anselmo Serrat?

Anselmo Serrat nasceu no Rio de Janeiro, em 12 de agosto de 1948. Logo cedo definiu seu caminho no mundo das artes. Trabalhou no fim da década de 1960 como fotógrafo, chegou ao cinema como diretor de fotografia, teve a sua própria produtora, a Focus, e foi sócio da Lente Filmes. Trabalhou no cinema nos filmes: *O Rei da Vela*, *Ladrões de Cinema* e *Na Boca do Mundo*. No início dos anos 1980, em São Paulo, encontrou no circo uma linguagem com a qual se identificou de forma plena. Frequentou a Academia Piolin de Circo e integrou o Grupo de Circo-teatro Tapete Mágico que o trouxe para várias apresentações em Salvador. Assim, foi criando o desejo de dar continuidade ao trabalho, inclusive entre o público infantil.

2. Como funciona o Circo Picolino?

Nós temos uma forma mista de atuar tanto na área social quanto na área do entretenimento, digamos, da ocupação do tempo das pessoas que decidem aprender circo. E uma coisa mantém a outra, o trabalho particular ajuda a manter o social e o social mantém a escola funcionando, mas a gente funciona dessa forma mista com alunos de sete anos até adultos.

3. Qual o perfil do público do Picolino?

Nós temos um trabalho de arte e educação que envolve todas as crianças. Mas nós temos uma turma de trabalho social, onde o perfil é de crianças carentes e órfãs que formam um total de 80 crianças e temos uma parceria com uma instituição que se chama Conexão Vida. E o outro é um público pagante de classe média, de modo geral.

4. Como a programação do Circo é composta?

Nós temos turmas que funcionam de 8h da manhã até 11h30. Essas turmas são particulares e têm um horário de segunda, quarta e sexta que é dirigido a profissionais, profissionais formados pelo Picolino e que continuam treinando. E no horário da tarde é dirigido para a área de arte educação para crianças e adolescentes.

5. Quais as dificuldades de gerir o Circo?

A maior dificuldade é a manutenção financeira, econômica. Como somos uma instituição privada, não recebemos recurso oficial nenhum, nem municipal, nem estadual, nem federal. Alguns projetos pontuais às vezes a gente consegue, como terminamos uma temporada com o projeto *Guerreiro*, que é um espetáculo da companhia que era patrocinado pela Petrobras. Então, a maior dificuldade

é financeira e quando se tem a dificuldade financeira, se tem dificuldades de recursos humanos, de não ter como pagar, deveríamos estar com uma equipe de professores, mas nossa equipe é muito enxuta por conta do recurso ser quase nulo.

6. De que maneira a política cultural na Bahia influencia o Circo Picolino?

Na verdade nós não temos políticas públicas nem na Bahia, nem no Brasil. Existe um modelo que foi implantado pelo PT, a partir do governo Lula, com Gil e com Juca à frente da pasta, que foi a política de editais. Foi a forma democrática que eles encontraram de distribuição de recursos para que as companhias e produtoras pudessem ter uma certa independência. Só que isso acabou se enraizando de tal maneira que a política oficial hoje é a política de edital, que eu acho que é uma política infeliz, porque ela lida com pouco recurso e você faz um estardalhaço dizendo que fez muita coisa, mas é muito pouco quando você pensa no estado da Bahia e na quantidade de circos itinerantes e pessoas atuando no circo. Não existe uma política efetiva, o governo abre um concurso, quem escreve bem ganha, não interessa mais quem faz bem e sim quem escreve bem. Hoje já temos profissionais da escrita que vivem trabalhando para isso, vivem escrevendo projeto para terceiros que não conseguem realizar o que escrevem, porque uma coisa é o que você escreve e outra é o que você faz. Então a política pública é completamente defasada e está acomodada ao que foi construído, acho que se gasta muito dizendo o que faz e se gasta pouco realmente fazendo.

7. O Circo Picolino recebe algum patrocínio privado?

Não, nenhum.

8. Qual o orçamento do Circo Picolino?

O nosso orçamento é variável, mas eu calculo que hoje, que é o momento mais baixo, temos um orçamento de R\$ 200.000 (duzentos mil reais) a R\$ 250.000 (duzentos e cinquenta mil reais) ano e olha que já foi o mesmo valor mês.

9. Como se dá a qualificação do corpo artístico do Circo?

Nós temos uma metodologia própria, hoje temos alguns cursos que preparam para certas atividades circenses, mas o que vemos como metodologia nossa mesmo seria: a criança chega aqui com 7 anos, brinca de fazer circo durante 4, 5 ou 6 anos, da mesma forma que brincam de jogar bola e a partir dos 12 anos de idade as crianças que demonstrarem aptidões para o circo são encaminhadas para os cursos preparatórios. Hoje nós temos um grupo de 40 ou 50 no projeto social de arte educação e um grupo de 30 que estão entrando na fase preparatória com dois anos de carga intensa de temas teóricos com aula de dança, de música, capoeira e outras. E eu acho essa metodologia ótima porque você entra através do lado lúdico, descobrindo suas habilidades artísticas e depois você já direciona isso para uma carreira.

10. Qual o lugar do Circo no cenário cultural baiano?

O circo é aquela coisa que todo mundo acha o maior barato, mas é vista como arte menor, ele é considerado como decoração, as pessoas buscam para poder decorar sua festa, seus jogos, para abrir copa e não sei o que. É visto como uma arte menor realmente. No Brasil isso infelizmente acontece, nós tivemos um grande avanço nessa visão política graças a Gil e Juca, o circo teve realmente um olhar diferenciado e começou a ocupar um espaço de arte maior. Se hoje existe alguma coisa (em termos de políticas), mesmo fraca, veio dessa época. Mas o circo ainda é visto como arte menor, pais e mães da classe média morrem de medo que seus filhos sigam o mundo do circo, se ele for pintor ou cantor é maravilhoso, até jogador de futebol (nada contra), mas quando pensam em circo ficam apavorados.

11. De que forma você acredita que os projetos realizados pelo circo podem contribuir para o desenvolvimento de crianças em situação de risco?

Temos uma galera que saiu das ruas e hoje está formada em faculdades e outros cursos, mas o que eu acho o grande saque dessa história é que a criança que vem para o circo foge de um lugar de violência para um local de vivência lúdica, então esse contato com a atividade circense cria um espaço de crescimento dentro dessa criança que no espaço onde ela vive, ela não encontra.

12. Como você vê a participação de alunos formados no Picolino em outras grandes companhias?

É aquela coisa, escola de medicina forma médicos e eles seguem suas carreiras e a escola de medicina segue sua vida formando médicos e o Circo forma artista, estes seguem suas carreiras e nós continuamos formando artistas. É lógico que é bacana ver um aluno que foi para o *Cirque du Soleil* e outro para São Paulo ou Rio, mas o grande barato dessa história é que quando se começou a fazer circo na Bahia só existia o Picolino. Nós fomos a terceira escola de circo do Brasil, hoje em Salvador são diversas escolas com a prática de usar o circo como arte educação e 90% dos professores que dão aulas no meio são formados pelo Picolino. Esse é o grande barato, o circo entrando em colégios públicos, privados e em instituições sociais através do nosso método.

13. O Circo tem algum parceiro/colaborador?

Nós temos um parceiro fixo de 15 ou 16 anos que é a Conexão Vida, que trabalha como encaminhadora de crianças, e temos uma apoiadora internacional que é a ABC Trust, fundada por Jimmy Paige, que contribui com um valor que varia de R\$ 30.000 (trinta mil) a R\$ 45.000 (quarenta e cinco mil) anuais. Essas são as únicas fontes que nós temos.

14. Quantos voluntários fixos trabalham no Circo?

Dezesseis pessoas e 150 alunos.

15. Além da formação de artistas, o Circo trabalha com algum outro tipo de formação?

Não. Nós formamos circenses, apesar de saírem daqui com conhecimentos gerais, eles saem daqui: pedreiros, eletricitas até porque eles vivem esse dia a dia. Todos eles sabem desmontar um circo, montar um circo, mas a formação é circense.

16. Existe mercado para o Circo na Bahia?

Existe um grande mercado na área de entretenimento, porque ninguém faz uma festa sem contratar um circense para ilustrar sua festa e, na área social, através de ações nas instituições (escolas, faculdades...).

17. Qual o papel da iniciativa privada no incentivo à cultura?

Seria fundamental, mas a iniciativa privada na Bahia é muito tímida, ela vem através das leis de incentivo como o Fazcultura e Lei Rouanet, nas quais as empresas usam o seu nome e não entram com nada já que existe a dedução nos impostos. Sendo assim, não existe uma participação efetiva da iniciativa privada na área da cultura.

18. Qual a sua avaliação sobre a produção artística na Bahia?

Nós temos uma diversidade muito grande na Bahia, mas não acho que vivemos um grande momento. Nos porões, nós temos grandes coisas sendo produzidas, mas a arte vendida na rádio e na TV é muito pobre. Temos que procurar nos guetos para encontrar a arte do povo. Essa arte do povo que apareceu fortemente na era de Gil e Juca com os pontos de cultura, sofreu um retrocesso muito grande e a gente vive o poder econômico, onde nem sempre é o “Sorria você está na Bahia”.

19. O que pensa da gratuidade do acesso a bens e produtos culturais?

Eu acho que quando você tem um produto cultural já pago (quando se recebe um incentivo do governo), o público já pagou pelo evento, logo, creio que a entrada deveria ser ou gratuita ou a um preço simbólico e não como acontece em alguns eventos no TCA. Isso é uma covardia contra o pequeno produtor, que não recebe apoio e tem que cobrar entrada. O dinheiro público deve ser usado no incentivo dos artistas populares que estão na base buscando produzir, esses sim merecem incentivo para que produzam eventos gratuitos.

20. Como você avalia a organização da classe artística na Bahia?

Acho que na Bahia não existe organização. O sindicato vive aos trancos e barrancos e sobrevive porque tem sempre alguém que compra a briga e fica defendendo causas na justiça. E não existe interesse do governo que tenha essa organização, porque se a organização existe, fica mais fácil de criar normas, porém, como a organização não existe é fácil para o governo determinar o que quer e siga quem quiser.

21. Como você avalia os espaços culturais na Bahia?

Nós temos poucos espaços, mas os que temos (Centro Cultural Plataforma, Vila Velha...) fazem um trabalho maravilhoso, porém outros espaços, como o nosso, são inviabilizados de se tornarem ótimos espaços públicos. Hoje os espaços públicos são os Shoppings (risos).

22. Como foi a apresentação de *Guerreiro* no TCA?

Colocamos 1.200 pessoas (capacidade total de 1.600) e a apresentação foi de última hora não tendo nenhuma divulgação, mesmo assim foi surpreendente. Nós não tivemos tempo de ensaiar e tivemos que adaptar a apresentação ao palco do TCA, mas mesmo assim fomos aplaudidos de pé ao fim do espetáculo.

23. Com sua saída quem assumirá a direção?

A minha ideia não é ter uma pessoa porque não acredito em substituição, porque sempre haverá mudança. Hoje estamos trabalhando para montar um conselho gestor. Em dezembro eu me mudo para o interior e começo um novo projeto chamado *Circo Rural*.

***Entrevista realizada por Marlon Ferreira e Aline Bispo, dia 29 de julho de 2013, no Circo Picolino, em Salvador.**